Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, jan./jun. 2011

Do discurso à educação: reflexões sobre comunicação e cultura contemporâneas[1]

From discourse to education thought on contemporary culture and communication

Wilton Garcia[2]
Rosália Maria Netto Prados[3]

RESUMO

Este texto resulta de discussões na disciplina "Linguagens, Tecnologias e Cultura", do Mestrado em Semiótica, Tecnologia da Informação e Educação. Da semiótica aos estudos contemporâneos, trata de observar o processo de ensino e aprendizagem em comunicação, em que diferentes discursos são produzidos e fazem parte de uma rede de significações desenvolvidas pelos sujeitos, em determinado contexto cultural, de espaço e tempo. Apresenta-se, portanto, um estudo das relações interdisciplinares entre mídia e mercado. Também salienta alguns vínculos na sociedade de consumo, a partir das tensões e dos valores socioculturais diante de suas manifestações no sujeito contemporâneo. As discussões centram-se na perspectiva dos estudos dos discursos, da comunicação, da contemporaneidade, da hipermídia e de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura contemporânea. Discurso. Educação. Tecnologia.

ABSTRACT

This text results from discussions proposed by the discipline *Languages, Technology and Culture*, a Master of Semiotics, Technology and Education. From semiotic to contemporary studies, is to observe the process of teaching and learning in communication, in which different discourses are produced and are part of a network of meanings carried by the subjects, in particular cultural context, of space and time. It presents, therefore, a study of inter, multi and transdisciplinary between media and market. Also, is highlights some links in the consumer

1 Recebido em 3-1-11. Aprovado em 5-6-11.

2 Universidade Braz Cubas (UBC), Mogi das Cruzes/SP, Brasil. Artista visual e pesquisador de cinema, fotografia, vídeo e imagem digital investigando em estudos sobre o corpo. Doutor em Comunicação e Estética do Audiovisual pela ECA/USP. Pós-Doutorado em Multimeios pelo IA/Unicamp. Professor pesquisador no Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação da UBC. *E-mail:* wgarcia@usp.br.

3 Universidade Braz Cubas (UBC), Mogi das Cruzes/SP, Brasil. Atua em Letras e Linguística, com ênfase em Semiótica e Análise do Discurso. Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela USP. Pós-Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora pesquisadora no Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação da UBC. *E-mail:* rosalia.prados@gmail.com.

society, from the tensions and socio-cultural values before their manifestations in the subject today. The discussions focus on the perspective of the studies of discourse, communication, contemporary, hypermedia and pedagogical practices.

Keywords: Communication. Contemporary culture. Discourse. Education. Technology.

Para viver em sociedade, o homem comunica e interage por meio de diferentes linguagens verbais, não verbais e/ou sincréticas. A formação do sujeito transversaliza-se por discursos, os quais formulam processos de produção de sentidos, manifestados por meio de linguagens e, nessa interação, constrói sua subjetividade em determinada cultura. Esse panorama remete ao desafio de pensar o discurso na comunicação atual.

Neste artigo, apresentamos uma discussão a partir da disciplina "Linguagens, Tecnologias e Cultura",[4] do Mestrado em Semiótica, Tecnologia da Informação e Educação. Essa disciplina teve como escopo fornecer bases reflexivas, críticas, conceituais, metodológicas e teóricas sobre os discursos (midiáticos e mercadológicos), que perpassam o sujeito no contemporâneo, além de propor debates acerca das tecnologias emergentes, para compreensão das tensões sociais, dos fenômenos, dos valores, das identidades e das manifestações culturais.

Trata de observar alguns matizes que envolvem os processos de ensino e aprendizagem em comunicação, particularmente no Brasil. Para Canclini, "a escola ensina posições corretas para ler livros, a mídia, como colocar-nos para sermos espectadores ou seduzirmos, e o corpo para inexistir quando se fala em conectar-se com as redes virtuais invisíveis". (2008, p. 42).

Por isso, releva-se a ampliação de estudos contemporâneos (GARCIA, 2005) vetorizados em investigações exploratórias que (re)dimensionem a flexibilidade e o deslocamento do enfoque educacional na comunicação. Nesse ambiente, diferentes discursos fazem parte de uma rede de significações desenvolvidas pelos sujeitos participantes. Tais processos, estrategicamente, organizam e sistematizam a produção do conhecimento que circunda a esfera da mídia e do mercado.

E, para acrescentar algumas sutilezas, propomos uma travessia de percepções, que estabelecem aberturas dinâmicas com o modo de pensar atual a respeito desses processos de ensino e aprendizagem em comunicação. Tal travessia entrecruza a versatilidade criativa de diversas posições suplementares. Tenta lidar, ainda, com

4 Semestralmente, essa disciplina está sendo ministrada pelos autores deste texto a partir de agosto de 2009, ou seja, há três semestres.

parâmetros interdisciplinares que aglutinam linguagem, tecnologia e cultura, quando correlacionam reverberações enunciativas da comunicação no contemporâneo.

A contaminação de saberes interdisciplinares atrelam o campo da comunicação – enquanto é campo do conhecimento e espaço do mercado profissional – à educação, ao colocar em xeque as propriedades da representação, especialmente perante as tecnologias emergentes. Há um vigoroso conjunto potencial de informações, cujas mídias sociais expressam variáveis discursivas operacionalizadas em redes.

Atualmente, se evidenciam contradições que se acentuam a partir da era tecnológica com os avanços e o seu poder multiplicador, bem como a expansão do campo da comunicação mediante a cultura digital. Dessa maneira, as linguagens apresentam universos de discursos e refletem alguns sistemas de valores desse território. Tais linguagens se configuram na rede de comunicação em que se mantém o sujeito contemporâneo. Esse último, aqui, se denomina usuário-interator.

Na aplicabilidade das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), as tarefas humanas pressupõem um novo pensar, para que a produtividade do sujeito inserido nesse ambiente seja efetivada. Dessa forma, a escola, mais do que nunca, precisa se apropriar das novas linguagens audiovisuais e informáticas, bem como de suas interfaces, para atender às constantes exigências do mundo contemporâneo que, por sua vez, requerem uma sintonia cada vez mais afinada com o conhecimento. Não só o científico, mas também o midiático e o ético-cultural. Isso ajuda o processo de ensino e aprendizagem em comunicação.

Realizadas essas indicações preliminares, dividimos este trabalho em três etapas: a primeira – *Reflexões teóricas sobre discursos e cultura* – produz um recorte sobre a (re)dimensão teórica da semiótica à sociossemiótica; a segunda – *Aspectos do contemporâneo* – aborda questões crítico-conceituais que tocam a atualidade, sobretudo as tecnologias emergentes; já a última – *Ensino e aprendizagem em comunicação* – exprime inquietações a respeito de parâmetros que equacionam o espaço educacional e os recursos tecnológicos para os cursos de Comunicação, em especial, no País.

Reflexões teóricas sobre discursos e cultura

O exercício do pensar – no viés de nossa proposta – requer bases teóricas a fim de se fundamentarem as discussões crítico-conceituais acerca de linguagens e tecnologias. As leituras a respeito de semiótica, discursos e cultura introduzem reflexões sobre o sujeito contemporâneo e suas representações – ações, experiências e contextos.

Sabe-se que a semiótica é a ciência que estuda a significação. Já a transmissão, a conservação, a transformação e o ensino e aprendizagem em comunicação na cultura realizam-se por meio das "práticas sociais" que, por sua vez, organizam-se como "processos discursivos". Sendo a capacidade humana de comunicação e construção do saber social, o discurso torna-se objeto de estudo da semiótica greimasiana. Esta última concebe a língua como instituição social. (PRADOS, 2009).

A semiótica, segundo Greimas (1976), estuda os discursos manifestados em uma comunidade sociocultural e linguística. Para o autor, uma língua não pode ser vista/lida isoladamente como nomenclatura – correspondência unívoca entre nome e coisa. A palavra pertence a um sistema de relações, e sua única realidade significante provém das delimitações que lhe impõe a existência daquele sistema.

Para Pais (1997, p. 237), saber e significação articulam-se mediante a produção discursiva, ao refletir o sistema de valores de uma comunidade. Sistemas e discursos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, já que emanam da "visão de mundo" de qualquer comunidade. Também atrela à ideologia os sistemas de valores, que estão em (re)formulação frequente. Um constante efeito de "vir a ser", de acordo com esse autor, paradoxalmente, transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade. Ou melhor, as manifestações culturais são apreendidas no convívio social, uma vez que as semióticas-objeto (linguagem verbal, música, gestualidade, artes, etc.) tornam-se particulares em cada sociedade.

Pais (1997, p. 221-228) afirma que os sistemas semióticos – integrantes do complexo linguístico-sociocultural de determinada comunidade – só funcionam caso se conservem para assegurar a intercompreensão dos sujeitos e se modifiquem para responder às novas necessidades de comunicação. Por isso, são atos de recriação. O teórico considera, na análise semiótica, alguns aspectos da produção e transformação do conhecimento realizado pelo sujeito cognitivo (MATURANA, 2006): a cognição, a semiose; ou seja, a elaboração do mundo semioticamente construído.

Para a fundamentação da semiótica dos discursos, desenvolvida por Greimas (1976), as considerações sobre Saussure são pertinentes, pois sobrepostas à teoria da linguagem, do signo e da significação, apresentaram outras teorias que, por sua vez, sustentam a metodologia greimasiana. Outros teóricos da linguagem contribuíram com suas ideias sobre o signo, dentre eles Hjelmslev (2006, p. 51), que considera o sentido "como substância de uma forma qualquer", tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão. Isso amplia, assim, a noção de linguagem, que, para Saussure (2006), limitava-se ao universo verbal.

A semiótica de que se trata neste texto, portanto, não seria a que se atém ao modo de produção do signo, dos esquemas inferenciais do raciocínio como dedução, indução, abdução e à sua relação com a realidade referencial pela mediação do interpretante do qual provém uma tipologia de signos (ícone, índice, símbolo), ou seja, aquela fundamentada na teoria de Peirce. Mas uma semiótica que tem suas raízes na teoria da linguagem, em que se concebe a língua como instituição social.

Diante da função semiótica, a significação pode ser compreendida como relação de dependência entre conteúdo e expressão, respectivamente, semântica e forma. Também pode ser entendida como semiose, isto é, os modos de significação se armazenam na memória, recuperam-se e se transformam permanentemente.

Como percurso sintagmático, a significação envolve o percurso em que ocorre a atualização de elementos disponíveis no discurso. Ou melhor, seria o momento em que a semiose se dá na produção do discurso: os paradigmas (elementos disponíveis na memória, exemplos, modelos) se atualizam em uma ordem pertinente (percurso sintagmático – combinatório). E essa ordem passa a ser significativa como as palavras numa canção, por exemplo. Nesse bojo, a mensagem se inscreve poeticamente.

Na cultura, os discursos constituem redes de significação e estão inseridos em um procedimento dinâmico. Por exemplo, um signo pode ser motivado por determinado fato social, em determinada época e num espaço e produzir sentidos únicos nesse contexto. Isso também explica por que um discurso deve ser aceito e reforçado pelos meios de comunicação. Trata-se da força estratégica de uma intenção enunciativa.

Fontanille apresenta o discurso e/ou sua produção de sentido como objeto da análise semiótica. De acordo com a perspectiva da teoria da linguagem,

> quando se escolhe como ponto de partida o discurso, dá-se conta rapidamente de que formas cristalizadas ou convencionais que nele encontramos estão longe de serem unicamente signos, pois uma das propriedades mais interessantes do discurso é a sua capacidade em esquematizar globalmente nossas representações e nossas experiências. Do mesmo modo, o estudo dos esquemas do discurso toma rapidamente o lugar do estudo dos signos propriamente ditos. (2008, p. 83).

Torna-se precioso compreender o discurso visto/lido como proposta de significação. Isso resulta de uma expressão humana que produz representações, performances e experiências. Doce escritura diferenciada, mas, na leitura dessa perspectiva, é necessário delimitar elementos característicos da análise do discurso, na qual se baseiam as ideias do autor acima citado.

Equaciona-se, todavia, uma tendência teórica de análise do discurso por meio da desconstrução de suas estruturas, pois a existência das coisas somente faz sentido por meio da produção de um discurso que lhes atribui significados, ou seja, o discurso produz sentido. A metodologia semiótica greimasiana inscreve-se conforme esse ponto de vista.

Já a sociossemiótica, ciência cuja abordagem é recente, além de tratar da captura do sentido como dimensão provada do ser/estar-no-mundo, ou seja, o sentido em situação ou em ato, construído no momento da interação, examina o funcionamento dos efeitos semióticos no seio da vida social.

São sistemas de significação manifestados por meio das linguagens, com seus respectivos discursos. São, pois, objetos de análise sociossemiótica os discursos que circulam na sociedade. Esta última confere o valor de comunicação ao discurso com seus sujeitos coletivos.

Nesse viés, a sociossemiótica estuda os discursos sociais não literários, tais como os diferentes discursos (científico, tecnológico, político, jurídico, jornalístico, publicitário, pedagógico, burocrático, religioso), dentre outros. Esses universos de discurso são ditos sociais, porque, embora tenham, como é evidente, emissor e receptor individuais, caracterizam-se por possuírem enunciador e enunciatário coletivos.

Comunidades, grupos ou segmentos sociais, como são caracterizadas, por exemplo, as redes sociais na contemporaneidade, ou comunidades virtuais, constituem o campo de pesquisa da sociossemiótica. É importante considerar o pensar de Landowski, sobre a análise de textos, ou enunciados, do campo da sociologia, e que podem ser analisados mediante as relações que mantêm com a linguagem:

> Se, hoje, para um número expressivo de pesquisadores, a ciência política, considerada parte integrante da Sociologia, tornou-se prioritariamente uma abordagem dos comportamentos e das atitudes, a análise das representações que comandam essas atitudes passa, por sua vez, pela decriptação e pela interpretação de certos tipos de textos. (1992, p. 9).

Landowski (1992, p. 10), ao se referir à ciência política, esclarece que o texto é material familiar aos pesquisadores das ciências sociais, mas, recentemente, o discurso – como objeto do conhecimento e que se encontra em uma problemática das relações e estratégias de poder – pode ser analisado, para se refletir sobre os conflitos, os valores e as tensões sociais. Nas redes sociais, entretanto, caracterizam-se pela interdiscursividade, pelas relações de linguagem.

O discurso possibilita novas perspectivas de análise, não somente no estudo da temática das ideias e ideologias ou do vocabulário e de figuras, mas, segundo Landowski (1992), trata da questão do funcionamento global e da eficácia social da atividade discursiva. Diferentes tipos de textos são produtos de universos discursivos elaborados por sujeitos nas suas práticas sociais.

Um discurso, para Pais (1997, p. 222), é decorrente dos discursos que o precederam, e a produção de um discurso específico ocorre quando se utilizam signos e leis combinatórias que pertencem aos demais membros de determinado grupo. E a experiência individual torna-se única e intraduzível e será inteligível aos outros apenas quando traduzida em termos do "consenso" desse grupo. E isso caracteriza a linguagem das diferentes redes sociais, que ambienta a (re)composição/combinação em trocas.

Aspectos do contemporâneo

Se considerarmos que as coisas alteram-se, no contemporâneo, implica relacionar as consequências dessas mudanças, sobretudo no âmbito da representação da linguagem – estratificada entre cultura e representação. As imagens, os sons, as experiências, tudo tem mudado! As coisas transformam-se conforme a velocidade do movimento que as compreende – como lugar de pertença.

A passagem dessa modificação, na atualidade, então, (re)constitui um "outro/novo" modo de ser/estar dos objetos e do sujeito. Especialmente, aqui, essas transformações existem a partir do momento em que se observa o uso recorrente do computador, de forma intensa, como recurso ferramental relevante no desenvolvimento das habilidades humanas – no processo de ensino e aprendizagem em comunicação.

Nota-se que o discurso, atualmente, agencia/negocia o encadeamento sistêmico da informação disponibilizada por impressões referenciais, cada vez mais empíricas: experimentais. Logo, como ponderar a veracidade da informação? Agora, a experiência possibilita a acelerada ressignificação das coisas no mundo.

Na vulnerabilidade do espaço-tempo, o contemporâneo agrupa e reformula pontos de investigações crítico-conceituais que se desdobram entre a prática e o pensamento (re)inscritos por avanços e avatares tecnológicos – especialmente com as implementações dinâmicas da cultura digital. Esta última tem por expectativa atualizar e

inovar. A novidade, hoje, tenta realizar projetos que se efetivam em novos produtos e/ou processos. Inovar, decididamente, cria "novos/outros" produtos ou serviços. E o sujeito (usuário-interator) está, cada vez mais, conectado, participativo.

Na inscrição contemporânea, o discurso apresenta-se como dimensão atualizadora de resultantes parciais, a fim de fomentar intercâmbios de ações interdisciplinares na produção ativa do conhecimento humano. Nesse sentido, eixos sincréticos reforçam o desdobrar das malhas (inter/trans)textuais.

Notadamente, surge a expectativa de expor, aqui, um tecimento de ideias e saberes em uma perspectiva interdisciplinar. Isto é, o que entrelaça posições crítico-conceituais distintas e, ao mesmo tempo, complementares. Um mover reflexivo seleciona, aproxima, soma, aglutina, condensa, reitera e qualifica o olhar contemporâneo a respeito das coisas no mundo. Observam-se, assim, traços estratégicos que aproximam e, simultaneamente, distanciam as articulações do interdisciplinar para além de uma visão unilateral. (BASSIT, 2010).

O fluxo de intercâmbio, estrategicamente, (re)vela um registro aberto – em constante transformação – e, por isso, necessita da ordem interdisciplinar, embora intercambiar esteja além da simples troca de informações, pois garante o deslocamento sistêmico, ao fazer com que cada eixo, percurso ou bifurcação articule a urgência de resultados híbridos. Isso acontece com o pensamento contemporâneo, capaz de validar aberturas necessárias para intercâmbios (re)feitos em compartilhamento estratégico de projetos, experiências e soluções criativas.

Dito de outra forma, o contemporâneo reveste-se de atualizações crítico-conceituais que fazem vigorar um percurso metodológico – o como fazer. Na medida em que ocorre esse percurso, o discurso é capturado em sua intensidade descritiva, provocado pela exaustão de uma predicação investigativa acerca da comunicação que se acopla às tecnologias.

As tecnologias emergentes, sem a impressão humana, não são nada, porque necessitam de um valor representacional, ou seja, o desenvolvimento tecnológico deve se basear também na preocupação sociocultural. O que elege variáveis discursivas – tecnológicas e/ou socioculturais – são os estudos contemporâneos, (de)marcados pela perspectiva de uma leitura crítica cuja finalidade repousa na contribuição dessa abordagem teórico-metodológica, diante da divulgação midiática/mercadológica. Isso se pauta na compreensão do objetivo proposto: tentar inovar a discursividade agenciada pelas estratégias que informam sobre o próprio discurso no campo comunicacional.

Aqui, atualizar se refere à disposição de uma condição adaptativa para deslocar os enunciados discursivos transformados. Atualizar implica mais que considerar as (re)configurações que inovam, reinventam os dados do produto, do objeto, do resultado. Seria renovar as (de)marcações competentes com a força das mudanças registradas pelo deslocamento de ideias no campo das (im)possibilidades.

No discurso, utiliza-se o termo *atualizar* para eleger "novos/outros" parâmetros, que, às vezes, podem ser mais coesos e/ou coerentes, dependendo da flexibilidade do enunciado. Destaque: atualizar requer aproveitar recursos e diretrizes já instalados (ou a serem), para se obter remodelações que intensificam a vivacidade de cada ação atualizadora, como somatório recorrente e contingencial de (re)formulações e novidades. Somatório que pode gerar danos tanto positivos quanto negativos, de acordo com a incursão técnica, tecnológica, entre outras.

Utilizados como recursos estéticos e/ou técnicos para atualizar os dados, seus procedimentos e estratégias discursivas redimensionam a tensão do campo de investigação, justificado por deslocamento e flexibilidade. É um trabalho que se permeia na fronteira do sistema, em que há uma agudeza com o limite conflitivo da tentativa de uma voz de domínio/controle – com o discurso hegemônico *mainstrean* – já estabelecido. Dessa forma, as mídias alternativas prevalecem como saídas estratégicas.

E para pensar o processo de ensino e aprendizagem em comunicação, é necessário prever a atualização dessas alternativas como discurso que se apropria do estado de reformulação de nova imagem, nova mensagem, nova aparência e/ou nova possibilidade. Ao reiterar o pensar e o fazer, a atualização incorpora fatos que surgem com a experiência cotidiana na aplicação da pesquisa – daquele instante da produção de conhecimento – como ato constituinte de atualizar o saber (em um ato, tautologicamente, pragmático). Um pensar usual: aquilo que se aplica de fato.

O discurso comunicacional, efetivamente, se programa para além de ocorrências reativas que tangenciam a identificação do fenômeno, como causa e descoberta de mecanismos subjacentes ao assunto pesquisado, ainda mais na contemporaneidade. Assunto esse que aponta a ferramentas e mecanismos relevantes e que afeta, de forma inevitável, a dinâmica da exposição prática e teórica. Desse modo, o (re)condicionamento de uma temática comunicacional perpassa por um espaço de fruição de interstícios, entre prática e teoria, em diferentes áreas do conhecimento, na proposição de um discurso semiótico. Esse equivale à recorrente significação.

A expressão da discursividade contemporânea não exprime, necessariamente, uma solução criativa, mas pode intensificar uma ação, um comportamento ou uma atitude observada pela descrição. Descrever é conhecer o objeto/contexto. Nisso, o discurso contundente atualiza-se quando se lhe agrega algo diferente, que processa valor – ainda que possa ser/estar extrínseca (e/ou intrínseca) sua representação enunciativa.

As questões abertas e propostas pela contemporaneidade parecem impossíveis para o observador tomar um único ponto de vista, uma articulação flexível entre a representação, a ação e o uso do discurso. Por isso, o contemporâneo (re)configura-se estrategicamente por meio da inscrição instável de agenciamento/negociação.

A cada nova observação investigada, um exercício de percepção experimenta outro desafio aplicado que provoca a reformulação de uma teoria geral. E mais: o saber atesta-se na complexidade contínua do pensamento contemporâneo – desdobrado numa infinita fluidez (ação) sobreposta no objeto/contexto. Com isso, ressalva-se que a ciência contemporânea, como atividade cognoscível-perceptível, contém elementos interdisciplinares no campo da comunicação, os quais cooperam entre si. Eles compõem uma experiência (inter)mediada por uma manifestação quase indescritível da esfera comunicacional a ser elencada.

Ao prever o termo indescritível, intencionamos remeter à passagem do enunciado, expandido pelas arestas e metamorfoseado em um limite de fronteira expressivo, que permeia os intervalos da dúvida e do conhecimento – um efeito metonímico. Pode-se considerar que esse acordo deslizante produz um movimento fértil, simultâneo de deslocamento e flexibilidade, com os quais o provisório se faz presente. Em outras palavras, as predicações do provisório incrementam-se por arestas, lacunas, *gaps*; um território dinâmico que interconecta discursos e práticas.

Canclini, ao escrever sobre audiência, afirma:

> Os públicos não nascem mas se formam, porém de modo diverso quer se trate da era de Gutemberg ou da digital. As disputas entre correntes sociológicas sobre quanto influem a família, a escola, a mídia, os empreendimentos culturais comerciais e não comerciais, são hoje reformuladas porque todos esses atores mudaram sua capacidade de aproximar-nos ou distanciar-nos das experiências. Condicionamentos parecidos não geram gostos nem comportamentos semelhantes em pessoas que se socializaram na leitura durante a época da televisão ou na da Internet. O velho reconhecimento de que os mesmos contextos socioeconômicos e educacionais não permitem prever os comportamentos individuais fica mais complexo com a aceleração na mudança das cenas formadoras originárias de membros de uma mesma família. (2008, p. 17).

Diante de tal possibilidade, os parâmetros para admitir a participação da audiência, na linha de raciocínio do autor acima citado, baseiam-se na lógica mercadológica do consumo. Essa ação de consumo, infelizmente, mostra-se como fator determinante da sociedade em crise e coloca em xeque os princípios éticos da comunicação.

Hoje, o *modus operandi* da informação emerge fragmentado, não linear e simultâneo. Então, se registra a dificuldade de ponderar a coerência da informação de qualidade, que possa expor qualquer veracidade dos fatos, sem procurar ser tendenciosa. Sabe-se que a neutralidade da notícia inexiste, bem como que o interesse público ainda deveria ser maior que o interesse privado da informação.

Ela ocorre a partir de entrecruzamentos de manifestações distintas, que arquiteta, hoje, a experiência mais complexa. E o contemporâneo deve ser visto/lido como parcial, provisório, efêmero, inacabado, ou seja, o que desloca, desliza, amplia e não se fixa. Trata-se de uma projeção crítico-conceitual, capaz de relacionar a (inter)subjetividade do contemporâneo como estágios (etapas, níveis, graus) latentes, pulsantes, em movimento de transformação coeficiente.

Ensino e aprendizagem em comunicação

Hoje, a forma de composição da informação contemporânea é bastante variada, particularmente quando se expõem as estratégias discursivas da comunicação. Essas estratégias organizam o modo diferente de pensar a alteridade, a diversidade e a diferença – como uma possível comunicação alternativa.

E as múltiplas variantes de leitura e criação (de imagens, experiências, representações e subjetividades) são condições adaptativas fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem em comunicação. Isso, por exemplo, ocorre quando se necessita deslanchar um debate acadêmico/intelectual com qualidade crítica, a fim de atingir com sua eficácia a realidade do mercado profissional.

Para além do implemento de questões teórico-conceituais, que elevam o pensamento e qualificam uma visão de mundo, torna-se necessário observar a prática educacional de um projeto didático-pedagógico aliado aos benefícios da profissão do comunicador. Isso traduz a experiência do banco escolar ao enfrentamento das diversas mídias atuais; é um leque de possibilidades criativas de propor a informação.

É preciso estar atento (sintonizado) com o que acontece no cotidiano. Mais que isso, saber investigar a informação e relacionar as práticas discursivas da academia à dinâmica recorrente da vida empresarial (como pensamento profissional). Destacar a articulação que pontua as artimanhas de aplicar a reflexão intelectual à solução de problemas.

Ao pensar a informação dessa maneira, evidenciam-se as tecnologias emergentes. A sociedade atual redireciona o interesse da ideologia à tecnologia. Para o professorado, prescinde a conversa com o alunado sobre *games*, *MSN*, *twitter*, *facebook*, *flickr*, *orkut* – enfim, a respeito das redes sociais. É evidente que continuam os fins ideológicos sobre os valores humanos ao tentar expor movimentos sociais e políticos, embora a força da cultura digital se intensifique, cada vez mais, com o ideal de sofisticação – conceito caro que estabelece mais valia à imagem do produto.

E a escola reproduz estigmas, com os quais a sociedade projeta mensagens sedutoras – para não dizer persuasivas – de mercado e mídia. A roupa da moda ou o estilo de se comportar com diferentes escolhas e atitudes é, por exemplo, uma resposta instantânea que (de)marca e assegura o diálogo do consumidor (também na universidade), o qual atende ao chamado do mercado e da mídia. Nesse caso, mercado e mídia associam o consumo como sendo fator recorrente na formação e constituição do sujeito contemporâneo, consumo que se faz tema emergente às resultantes em pauta.

Diante do consumo, imagine o alunado de Comunicação ao tentar se reconhecer perante essas novas parafernálias digitais. Se os efeitos da hipermídia, aliados ao consumo promovem transformações na sociedade hoje em dia, imagine na universidade!

A máxima da criação, em particular com a tecnologia digital, tem a intenção de propiciar estrategicamente um diferencial criativo mais dinâmico e ousado, algo que expanda, amplie e promova um "novo/outro" formato – uma atmosfera subjetiva.

As transformações tecnológicas (avatares), eminentemente, ressaltam mudanças na vida cotidiana, inclusive na sala de aula, como sínteses que metamorfoseiam a abordagem relacional de humano tecnológico – o encontro fecundo entre sujeito e máquina. Nessa (in)formação, é tomar a sistematização de experiências digitais que potencializam a discussão para exibir o caráter multifacetado da comunicação.

Entre benefícios e malefícios, a façanha das tecnologias, agora, está abarcada pelo (des)envolvimento do mercado e da mídia, e a educação deve ponderar isso, pois ambos (mercado e mídia) procuram acionar novos territórios, que ativam o consu-

mo, vendem produtos, incutem ideias... E, para atualizar a informação, o futuro digital reconfigura imagens, sons e textos em mensagens criativas, cujos aparatos instrumentais/ferramentais não conseguem prever a própria produção do conhecimento.

Ainda, segundo Canclini,

> a educação e a formação de leitores e espectadores críticos costumam frustrar-se pela persistência das desigualdades socioeconômicas, e também porque as políticas culturais se desdobram num cenário pré-digital. Insistem em formar leitores de livros, e, à parte, espectadores de artes visuais (quase nunca de televisão), enquanto a indústria está unindo as linguagens e combinando os espaços: ela produz livros e também áudio-livros, filmes para o cinema e para o sofá e o celular. (2008, p. 18).

Fica reafirmado, portanto, que a educação, indiscutivelmente, acompanha os avanços e/ou os retrocessos das tecnologias emergentes e as (trans/de)formações do sujeito, para além dos fatores de engenharia maquínica, computacional e humana. As variáveis compreendidas pela cultura digital aglutinam uma série de novidades: telefone celular, computador, internet, aparelho MP4 e/ou iPad2 são objetos tecnológicos que surgem, constantemente, em uma sala de aula proliferando desafios conceituais.

Então, como lidar com essas cenas? Não é possível fechar os olhos para a cultura digital. Isso propõe trabalhar a vivência tecnológica no cenário escolar, de acordo com as tendências de mercado. Como professor(a) e pesquisador(a), nos sentimos instigados a aprofundar nossas impressões acerca do digital – novas mídias, *games*, interatividade, novas redes e linguagens –, no processo de ensino e aprendizagem em Comunicação.

Com efeito, no comunicar prevalecem (in)certezas (MORIN, 2000) e requer mais que emissor, receptor, mensagem, código e canal. Como estratégia, reagrupa-se a disposição da interatividade, enquanto é procedimento comunicacional. Esse tipo de desafio – adicionar as (in)certezas – deve ser disposto ao alunado de Comunicação.

Também "novos/outros" movimentos dinâmicos permeiam a relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem em comunicação. Ao transversalizar tal cooperação, agenciam-se, negociam-se os (re)posicionamentos, que não podem mais constituir hierarquias. Afinal, o objetivo é a participação colaborativa de modo que os envolvidos possam se manifestar e quiçá contribuir com o ideal de "novas/outras" interfaces discursivas. Assim, professor (educador, facilitador, mediador) e

aluno transformam-se, também, em usuários-interatores do sistema computacional, ou seja, a expectativa de empreender aspectos econômicos, identitários, socioculturais e políticos da comunicação promove, paulatinamente, o acesso à educação atualizada – via rede de informação digital.

Considerações finais

Ao longo deste texto, houve a tentativa de abordar o processo de ensino e aprendizagem em comunicação, a partir de estratégias discursivas, como ação exploratória de (re)posicionamento conceitual sobre os meios comunicacionais hipermidiáticos na educação. Isso serve para pensar o espaço da comunicação atualmente. E, talvez, essas impressões se traduzam mediante as abundantes inovações da cultura digital na comunicação atual. Esta última parece se impregnar nas diversas redes de coordenadas discursivas elaboradas pelas trocas de informação influenciadas pelo compartilhamento de ideias na vida universitária para o mercado profissional.

De fato, diferentes discursos no mercado e na mídia são produzidos e partilhados por uma rede de ressignificações demarcadas pelos sujeitos, em determinado contexto cultural, de espaço e tempo. E como desafio didático-pedagógico, cabe ao professorado trabalhar – em sala de aula – a diversidade desses temas debatidos espontaneamente e criar as alternativas necessárias para garantir o desempenho favorável ao desenvolvimento humano. Eminentemente, a responsabilidade do professorado perante o alunado, hoje, deve ser flexível e mediadora de agenciamentos/negociações entre a realidade social do grupo e a emergência de temas profissionais como a cultura digital.

Referências

BASSIT, Ana Zahira (Org.). *O interdisciplinar*: reflexões contemporâneas. São Paulo: Factash, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. de Jean Cristtos Portela. São Paulo: Contexto, 2008.

GARCIA, Wilton. *Corpo, mídia e representação*: estudos contemporâneos. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Semiótica do discurso científico*: da modalidade. São Paulo: Difel; SBPL, 1976.

_____. *Del sentido II*: ensaios semioticos. Madrid: Gredos, 2001.

HJELMSLEV, Louis T. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*. São Paulo: Educ, 1992.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Org. e Trad. de Cristina Magro e Victor Paredes. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Unesco; Cortez, 2000.

PAIS, Cidmar Teodoro. Conceptualização, denominação, designação: relações. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo: Plêiade, v. 9, 1997.

PRADOS, Rosália Maria Netto. *Semiótica, discurso e cultura*. São Paulo: Hagrado, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. de Antonio Celini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.